

TRANSFORMAÇÕES NAS REPRESENTAÇÕES DE CALENDÁRIO E DE LUGARES NAS HISTÓRIAS DOS CÓDICOS MEXICAS COLONIAIS (SÉCULO XVI E INÍCIO DO XVII).

Eduardo Henrique Gorobets Martins¹

As mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas no primeiro século após a conquista indígena-castelhana de México-Tenochtitlan forçaram as elites indígenas e, principalmente as elites mexicas, a um reposicionamento político que incluía, por exemplo, a conversão ao cristianismo e, ao mesmo tempo, a tentativa de manutenção de suas posições pré-hispânicas na nova sociedade. Um dos instrumentos utilizados pelos mexicas para se reposicionar politicamente foi a produção de histórias que, assim como as narrativas produzidas em tempos pré-hispânicos, deveriam ser legítimas e verossímeis do ponto de vista nativo, mas também teriam de se adequar às novas exigências do mundo castelhano e cristão.

Para isso, diversas histórias mexicas foram produzidas com a participação em maior ou menor grau de autoridades castelhanas e missionários, e utilizavam a escrita pictoglífica, compartilhada por diversos povos mesoamericanos em tempos pré-hispânicos, e a alfabética, trazida pelos europeus. A escrita pictoglífica era composta por representações pictóricas ou figurativas com glifos calendários, numéricos, toponímicos, antroponímicos e fonéticos, e, antes da conquista, foi registrada pelos mexicas em outros suportes como, por exemplo, os monumentos e gravados em pedra. A escrita alfabética, por sua vez, foi introduzida nas histórias por meio do castelhano ou de línguas nativas transcritas pelos missionários, como é caso do nahuatl – língua falada pelos mexicas e outros povos do centro do México.

Contudo, a utilização desses dois tipos de escrita nas histórias destituiu gradualmente os atributos e significados das representações pictoglíficas ou, até mesmo, transformou os registros nativos em

¹ Mestre em História pela Universidade de São Paulo (2018) e Pesquisador Associado do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA-USP – www.usp.br/cema) desde 2015.

palavras². Por isso, neste texto, serão apresentadas transformações das representações de calendário e de lugar, por meio de amostras, nas histórias mexicas contidas nos códices *Aubin*, *Azcatitlan*, *Boturini*, *Manuscrito 40*, *Manuscrito 85*, *Mendoza*, *Mexicanus*, *Telleriano-Remensis* e *Vaticano A*, que foram produzidos ao longo dos séculos XVI e início do XVII³.

Primeiramente, as transformações das representações de calendário serão apresentadas nas histórias mexicas coloniais de forma amostral em relação à representação dos anos sazonais, que compunham um dos ciclos calendários utilizados pelos mexicas, o *xiuhmolpilli*. As amostras de representação desse ciclo foram escolhidas pois trata-se do ciclo calendário mais representado nas histórias mexicas, que, por sua vez, levavam o nome de *xiuhamatl* justamente por serem narrativas estruturadas por essa conta de anos. O ciclo *xiuhmolpilli* era formado por 52 anos chamados, cada um deles, de *xihuitl*. Esse número é resultado do total de combinações possíveis que se obtinha pela nomeação dos anos, isto é, cada ano era nomeado pela combinação de um numeral (de 1 a 13) e um signo (*acatl*, *tecpatl*, *calli* e *tochtli* – junco, punhal de pedernal, casa e coelho)⁴. Os numerais eram grafados por meio de pequenos círculos, representando contas, enquanto os signos representavam animais, plantas, artefatos⁵. Assim, cada um dos anos *xihuitl* era representado por meio de um glifo de numeral e um glifo de signo do ano.

As amostras analisadas a seguir apresentam centralmente datas de anos compostas com o signo *acatl*, embora as transformações possam ser estendidas para outros signos e outras mudanças nas representações de calendário possam ser notadas⁶. No entanto, antes de iniciarmos as análises das representações de anos nas histórias coloniais mexicas, apresento dois exemplos pré-hispânicos de representações de anos compostos com o signo junco, provenientes do monumento mexicana chamado *Estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor* – exposto no Museo Nacional de Antropología, no México – e do códice mixteco *Zouche Nuttall*, fôlio 5r (Figura 1). Esses exemplos pré-hispânicos são acionados aqui porque

² MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. *As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo e espaço (1530-1608)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018, pp. 187-192. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23072018-173906/pt-br.php>>. Acessado em 13/10/2018, 18:00.

³ Informações mais detalhadas sobre essas histórias mexicas podem ser encontradas em texto produzido em outra oportunidade. MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. “Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)” in: *XXIX Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos*. Brasília: ANPUH, 2017, pp. 1-18. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1506011583_ARQUIVO_EduardoHenriqueGorobetsMartins-Producao,usosetransformacoesdashistoriascoloniaismexicas.pdf>. Acessado em 15/10/2018, 13:00.

⁴ Outras explicações sobre o calendário mesoamericano e suas particularidades entre os mexicas podem ser encontradas em: SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

⁵ Os signos dos anos derivavam de um conjunto mais amplo, formado por 20 signos, ou *tonalli*, que eram utilizados nas combinações com numerais (de 1 a 13) que compunham o *tonalpohualli*, isto é, o ciclo calendário que contava os dias. O *tonalpohualli* servia de base para o *xiuhmolpilli*, já que o nome que cada ano era dado por seu dia inicial. *Ibidem*.

⁶ MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. *As histórias mexicas coloniais...*, pp. 69-91.

nenhuma história mexicana pré-hispânica sobreviveu aos primeiros anos da conquista castelhana⁷. Além disso, esses exemplos mostrarão a continuidade de algumas características das representações que serão, em seguida, contrapostas com as transformações sofridas.

Ao analisarmos os exemplos pré-hispânicos de anos compostos com o signo *acatl*, vemos inicialmente que a representação mexicana, à esquerda, está representada dentro de um cartucho, enquanto a representação mixteca, à direita, encontra-se composta com outro glifo, chamado pelos pesquisadores de A-O⁸. Para além dessa primeira diferença, pode-se notar que tanto os algarismos quanto o signo *acatl* são representados de formas distintas. No exemplar mexicana cada um dos oito glifos de numerais são formados por dois círculos concêntricos, enquanto o glifo *acatl* é representado por seu caule, no centro, duas folhas de cada lado e, por fim, uma representação em corte baseada no glifo *atl* (água)⁹. Já a representação mixteca conta com um algarismo formado por um círculo simples e representa o glifo de junco por meio da estilização de uma flecha adornada.

Passando para as histórias mexicanas coloniais, podemos notar uma série de continuidades relacionadas, sobretudo, à representação mexicana pré-hispânica dos anos *acatl*, que ocorrem nas histórias dos códices *Boturini*, *Mexicanus*, *Mendoza*, *Telleriano-Remensis*, *Vaticano A* e *Aubin*. Nos exemplos de anos dessas seis histórias podem ser notadas, quanto ao glifo *acatl*, a presença do caule, das folhagens e da representação baseada no glifo *atl* – sendo esta última ausente no *Mexicanus* e no *Vaticano A*. Contudo, quanto às representações de numerais, vemos que as histórias se assemelham tanto à forma mexicana, composta por dois círculos concêntricos (*Boturini* e *Mexicanus*, na Figura 2), quanto à forma mixteca, composta por um círculo simples (*Mendoza*, *Telleriano-Remensis*, *Vaticano A* e *Aubin*, na Figura 3), como vimos anteriormente nos exemplos pré-hispânicos de glifos numerais.

Já ao analisarmos os códices *Azcatitlan*, *Manuscrito 40* e *Manuscrito 85*, é possível notar transformações mais radicais nas representações dos anos *acatl* (Figura 4). Primeiramente, à esquerda e no centro, podemos ver que os glifos de numerais são substituídos por algarismos árabicos nos códices *Manuscrito 40* e *Azcatitlan* – e dentro de cada cartucho é adicionada uma correlação do ano indígena com o ano segundo o calendário cristão. Além disso, podemos ver, nesses dois primeiros exemplos, que os detalhes

⁷ Diversos estudos realizados desde meados do século XX mostram que os códices mixtecos são comparáveis aos manuscritos coloniais produzidos no Centro do México, compondo até mesmo um mesmo sistema de registro. Alguns desses estudiosos são: Donald Robertson, Karl Anton Nowotny e Elizabeth Hill Boone.

⁸ SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico. Mixtec place signs and maps*. Norman: University of Oklahoma Press, 1973, p. 22.

⁹ A vista em corte é uma das soluções figurativas presentes nos códices mexicanos, tal como afirma Eduardo Natalino dos Santos. Nesse caso, o glifo *atl* representa um canal de irrigação ou o transporte de água seccionado transversalmente, sem as contas ou caracóis que usualmente compõem tal glifo. Cf: SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Os códices mexicanos: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Editora 14, 2004, p. 253.

representados anteriormente no signo *acatl* foram ainda mais simplificados. Em segundo lugar, em relação ao exemplo do *Manuscrito 85*, à direita, vemos que não há nenhuma representação do glifo de numeral em composição com o signo *acatl*; este, por sua vez, se descaracterizou em relação aos exemplos apresentados anteriormente, como possível resultado de influências iconográficas europeias.

Assim, as breves análises das representações de calendário nas histórias coloniais mexicas podem ser sintetizadas em algumas conclusões. As análises mostraram, em relação aos anos *acatl*, que, há modificações iconográficas do signo junco e, principalmente, que o glifo de numeral perde, aos poucos, o referencial das contas e torna-se uma quantidade abstrata, ou seja, os anos deixam de ser qualificados por uma conta preciosa e tornam-se uma quantidade ou cômputo que introduz o formato dos algarismos romanos e arábicos¹⁰. Por fim, esse processo de transformação das representações de calendário pode ser classificado como gradual, considerando-se o códice *Boturini* como a história mais antiga (1530), e o *Manuscrito 85* como a história mais tardia (1620) – dessa forma, as transformações mais latentes que foram indicadas nas representações contidas nos códices *Azcatitlan*, *Manuscrito 40* e *Manuscrito 85* não correspondem, necessariamente, às mudanças mais tardias.

Passemos, então, à análise das representações de lugar, que compõem o segundo conjunto que sofreu transformações nas histórias mexicas coloniais. Esse grupo de representações espaciais trata, de maneira ampla, de lugares de paisagem e lugares políticos que são acionados nas histórias mexicas. Embora ambos os tipos de lugares fossem nomeados por meio de características físicas do espaço, como a presença de um rio, de uma colina ou de um tipo de planta abundante, parte dos lugares era reconhecida entre os indígenas como organizações sociopolíticas, isto é, como um *altepetl*, ou uma cidade. Os nomes dos *altepetl* eram constituídos, segundo Mary Elizabeth Smith, por um substantivo geográfico (com características paisagísticas ou sociais) e um elemento qualitativo (que pode estar relacionado a cores, tamanhos, deidades, numerais ou signos calendários, animais, plantas, objetos domésticos, armas, entre outros)¹¹. Tais glifos toponímicos podiam ser compostos, ainda, a outras representações de paisagem e podiam ser destacados por meio de sua proporção em relação ao restante dos glifos.

As análises realizadas adiante serão centradas nas representações da fundação de México-Tenochtitlan, as quais eram formadas por conjuntos de glifos e de representações com grandes proporções em tempos pré-hispânicos, que vão se transformando durante o período colonial até serem representadas apenas pelo glifo toponímico mexicana¹². A análise dessas amostras pode ser estendida a outros tipos de representações de lugar que vão se modificando ao longo da produção das histórias mexicas coloniais, como é o

¹⁰ Isso porque o termo *xihuitl*, que significa *ano*, também é traduzido como *turquesa*, que era uma pedra preciosa para os mexicas.

¹¹ SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico...*, pp. 38-41.

¹² Tanto o códice *Boturini*, quanto o *Telleriano-Remensis*, não representam a fundação de México-Tenochtitlan e, por isso, não serão referenciados nas análises a seguir.

caso dos lugares de origem, de passagem e de conquista¹³. Antes da análise das representações das histórias, apresento um exemplo pré-hispânico de representação do lugar fundacional de México-Tenochtitlan, que está presente no monumento mexicana chamado *Teocalli de la Guerra Sagrada*, exposto no Museo Nacional de Antropología, no México (Figura 5). Esse exemplo nos fornecerá subsídios para apontar a continuidade de algumas características das representações em algumas narrativas coloniais e, por outro lado, permitirá observar as transformações sofridas em outras.

A representação de México-Tenochtitlan no *Teocalli de la Guerra Sagrada* é formada pela representação do glifo toponímico de Tenochtitlan, composto de um grande cacto e seus frutos. Acima desse glifo há, ainda, a representação de uma águia, o glifo *atl-tlachinolli*, localizado abaixo do bico da águia, que representa a guerra e, por fim, uma deidade localizada na parte inferior desse lado do monumento¹⁴. Além disso, o glifo toponímico de Tenochtitlan apresenta maior tamanho entre as representações da parte posterior. Por fim, os outros elementos compostos com o glifo toponímico de Tenochtitlan, tais como a águia e o glifo *atl-tlachinolli*, qualificam a representação e demonstram sua função de lugar fundacional, pois se trataria, segundo as histórias mexicanas coloniais, do lugar onde Huitzilopochtli, sua deidade patrona, teria destinado a construção de seu templo, e, conseqüentemente, da cidade mexicana.

Ao analisarmos as representações de México-Tenochtitlan (destacadas em vermelho) nas histórias dos códices *Aubin*, *Manuscrito 40*, *Manuscrito 85* e *Mendoza* (Figura 6), observamos mais continuidades do que mudanças quanto aos elementos que compõem o glifo toponímico e sua proporção em relação ao restante das representações do fólio em que se encontra. Primeiro, vemos que a águia é mantida acima do glifo toponímico, enquanto a deidade que estava abaixo do cacto é substituída pela representação de uma pedra que, etimologicamente, corresponde diretamente à palavra Tenochtitlan¹⁵. Além disso, o glifo *atl-tlachinolli* é transformado em uma cobra, no *Aubin*, e em uma cruz, no *Manuscrito 40*. Nas quatro representações são acrescentados personagens, representações de vegetação e representações aquáticas lacustres (*Aubin* e *Manuscrito 40*) e de canais (*Mendoza*). Por fim, quanto à proporção das representações, todos os glifos toponímicos de Tenochtitlan seguem com maior tamanho do que as outras representações, além de estarem em posições centrais e de destaque nos fólios.

¹³ MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. *As histórias mexicanas coloniais...*, pp. 115-186.

¹⁴ MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. "El México prehispánico y los símbolos nacionales" in: *Arqueología Mexica*. Ed. 100. México: Editorial Raíces, nov.-dez. 2009. Eduardo Matos afirma, ainda, que o glifo toponímico de Tenochtitlan está representado sobre Tlaltecútl, deidade que representa a terra. Emily Umberger, por sua vez, afirma que a deidade representada tinha sido interpretada por Alfonso Caso como Chalchiuhtlicue. UMBERGER, Emily. *Aztec Sculptures, Hieroglyphs and History*. Tese (Doutorado em História da Arte). New York: Columbia University: 1981, pp. 173-185.

¹⁵ Te(tl)-noch(tli)-ti-tlan, é uma palavra formada pelos substantivos *tetl* (pedra) e *nochtli* (nopal, tipo de cacto), a ligadura *ti* e o sufixo locativo *tlan* (lugar onde abundam). SIMEÓN, RÉMI. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1986 (1ª ed. em francês, 1885), p. 479.

Já ao analisarmos a representação da fundação de México-Tenochtitlan no códice *Azcatitlan* (Figura 7, destacado em vermelho), vemos que a águia e as representações lacustres foram substituídas por um grande templo sobre o qual ocorre um provável sacrifício de um personagem, a partir do qual emerge o glifo toponímico de Tenochtitlan. O cacto é representado sem a pedra embaixo, e com a adição de um rosto humanoíde no meio de um bico de um colibri – que representa a deidade Huitzilopochtli em outras histórias, como no códice *Boturini*. Embora o glifo toponímico tenha grande tamanho, suas dimensões são semelhantes às do templo localizado abaixo do cacto; além disso, ambas as representações estão na região mais à direita do fólio, sem o mesmo destaque que o lugar fundacional de México-Tenochtitlan tem nas outras quatro histórias analisadas anteriormente.

Por fim, nos códices *Vaticano A* e *Mexicanus*, a fundação do *altepetl* mexica é reduzida à mera representação do glifo toponímico do cacto sobre a pedra, com dimensões que não mostram nenhum destaque em relação às outras representações (Figura 8, destacado em vermelho). Apesar da supressão de diversos elementos citados nas descrições da fundação de México-Tenochtitlan anteriores, o *Vaticano A* ainda conservou representações lacustres e personagens em volta do topônimo.

Em suma, a breve análise das representações de lugar nas histórias coloniais mexicas podem ser sintetizadas em algumas conclusões. As análises mostraram, particularmente em relação ao lugar fundacional de México-Tenochtitlan, que outros elementos que se compunham ao glifo toponímico, como a águia são gradualmente suprimidos das representações nas narrativas coloniais, excluindo detalhes da paisagem ou de representações que envolviam ações rituais ordenadas pelo deus patrono mexica pré-hispânico Huitzilopochtli. Por fim, assim como foi comentado em relação às representações do calendário, esse processo de transformação das representações de lugar pode ser classificado como gradual, considerando-se, em relação a essas análises, o códice *Mendoza* como a história mais antiga (1541), e o *Manuscrito 85* como a história mais tardia (1620) – dessa forma, as transformações mais latentes que foram indicadas nas representações contidas nos códices *Azcatitlan*, *Vaticano A* e *Mexicanus* não correspondem, necessariamente, às mudanças mais tardias.

Finalmente, as análises das representações de calendário e de lugar mostraram que a substituição ou a subtração de elementos iconográficos ou figurativos nas histórias mexicas produzidas após a conquista de México-Tenochtitlan alterou o *status* das representações nativas e destituiu seus significados. As amostras de representações de calendário e lugar foram transformadas em ilustrações ou em imagens que se tornaram essencialmente um número ou um nome de lugar, sem as qualidades que os acompanhavam nas representações pré-hispânicas e, até mesmo, em algumas representações já produzidas durante o período colonial. Essas mudanças somadas a outras transformações analisadas em outros momentos, mostram, provavelmente, que as concepções de tempo e espaço dos mexicas estavam se readequando ao ambiente

colonial compartilhado com missionários e civis castelhanos de tal maneira que as histórias mexicas também passaram a ser reescritas pelas elites indígenas e seus descendentes.

Ao longo da produção de novas explicações históricas, os próprios indígenas adequaram seus sistemas de registro pré-hispânicos às novas exigências, suprimindo as qualidades que as representações do seu calendário evocavam para além da função de contar o tempo e, ao mesmo tempo, reduzindo as características de religiosidade que estavam ligadas à representação dos lugares onde sua história se passava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOONE, Elizabeth Hill. *Stories in red and Black: Pictorial histories of the Aztecs and Mixtecs*. UTP: Austin, 2000.

Códice Aubin. In: DIBBLE, Charles E. *Codex Aubin. Historia de la nación mexicana. Reproducción a todo color del Códice de 1576*. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1963.

Códice Azcatitlan. In: GRAULICH, Michel & BARLOW, Robert H. (Introdução e comentários / trad. espanhol Leonardo López Luján). Paris: Societé de Americanistes, 1995.

Códice Boturini – Tira de la peregrinación. In: CORONA NÚÑEZ, José. "Códice Boturini" in: *Antigüedades de México basadas en la recopilación de Lord Kingsborough*. V. 2. México: Secretaría de Hacienda y Crédito Público, 1967.

Códice Mendoza. In: BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rief (ed.). *The Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

Códice Mexicanus. In: MENGIN, Ernest. "Commentaire du Codex Mexicanus nº 23-24 de la Bibliothèque Nationale de Paris". *Journal de la Societé des Américanistes*. T. 41, n. 2. Paris, 1952.

Códice Telleriano-Remensis. In: KEBER, Eloise Quiñones. *Codex Telleriano-Remensis: ritual, divination and history in a pictorial Aztec manuscript*. Austin e Hong Kong: UTP, 1995.

Códice Vaticano A. In: ANDERS, Ferdinand e JANSEN, Maarten. *Religión, costumbres e historia de los antiguos mexicanos. Libro explicativo del llamado Códice Vaticano A*. Espanha: SEQC & Áustria: ADEVA & México: FCE, 1996 (Códices Mexicanos XII).

Manuscrito 40. In: HERNÁNDEZ ANDÓN, Elia R. (Paleografia, tradução do nahuatl ao espanhol, introdução e notas). In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Disponível em: <<http://amoxcalli.org.mx/>>. Acessado em: 15/10/2018, 13:00.

Manuscrito 85. In: HERNÁNDEZ ANDÓN, Elia R. (Paleografia, tradução do nahuatl ao espanhol, introdução e notas). In: *Proyecto Amoxcalli – CIESAS/CONACyT*. Disponível em: <<http://amoxcalli.org.mx/>>. Acessado em: 15/10/2018, 13:00.

MARTINS, Eduardo Henrique Gorobets. *As histórias mexicas coloniais: concepções de tempo e espaço (1530-1608)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23072018-173906/pt-br.php>>. Acessado em 13/10/2018, 18:00.

_____. “Produção, usos e transformações das histórias coloniais mexicas (séculos XVI e início do XVII)” in: *XXIX Simpósio Nacional de História. Anais eletrônicos*. Brasília: ANPUH, 2017. Disponível em: <http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1506011583_ARQUIVO_EduardoHenriqueGorobets-Martins-Producao,usosetransformacoesdashistoriascoloniaismexicas.pdf>. Acessado em 15/10/2018, 13:00.

MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. “El México prehispánico y los símbolos nacionales” in: *Arqueología Mexica*. Ed. 100. México: Editorial Raíces, nov.-dez. 2009.

NOWOTNY, Karl Anton. *Tlacuilolli: Style and contents of the mexican pictorial manuscripts with a catalog of the Borgia group*. (trad. George A. Everett e Edward B. Sisson; 1ª ed. em alemão, 1961). Norman: University of Oklahoma Press, 2005.

ROBERTSON, Donald. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, 1959.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Os códices mexicas: soluções figurativas a serviço da escrita pictográfica”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Editora 14, 2004.

_____. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda, 2009.

SIMEÓN, Rémi. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI, 1986 (1ª ed. em francês, 1885).

SMITH, Mary Elizabeth. *Picture writing from ancient southern Mexico. Mixtec place signs and maps*. Norman: University of Oklahoma Press, 1973.

UMBERGER, Emily. *Aztec Sculptures, Hieroglyphs and History*. Tese (Doutorado em História da Arte). New York: Columbia University: 1981.

FIGURAS



Figura 1 – Representações pré-hispânicas de datas com o signo junco em um monumento mexica e em um códice mixteco. Da esquerda para a direita: *Estela comemorativa de dedicação do Templo Mayor (detalhe inferior)* (século XV); *códice Nutall, fl. 5r (detalhe)* (séculos XIV-XV).

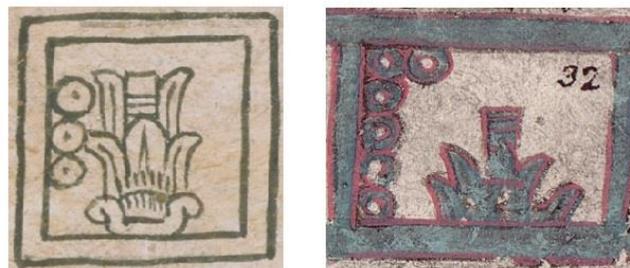


Figura 2 – Representações de datas com o signo junco nas histórias mexicas coloniais. Da esquerda para a direita: *códice Boturini, fl. 6 (detalhe)* (1530-1540); *códice Mexicanus, fl. 23 (detalhe)* (1590).



Figura 3 – Representações de datas com o signo junco nas histórias mexicas coloniais. Da esquerda para a direita: *códice Mendoza, fl. 2r (detalhe)* (1541); *códice Aubin, fl. 27 (detalhe)* (1576-1608); *códice Telleriano-Remensis, fl. 45r (detalhe)* (1563); *códice Vaticano A, fl. 73v (detalhe)* (1589).



Figura 4 – Representações de datas com o signo junco nas histórias mexicas coloniais. Da esquerda para a direita: *Manuscrito 40, fl. 9r (detalhe)* (1596); *códice Azcatitlan, fl. 5a (detalhe)* (1566-1600?); *Manuscrito 85, fl. 4r (detalhe)* (1590-1620?).



Figura 5 – Representação pré-hispânica da fundação de México-Tenochtitlan em um monumento mexica. *Teocalli de la Guerra Sagrada* (início do século XVI). Da esquerda para a direita: fotografia e desenho da parte posterior. Museo Nacional de Antropología, México.

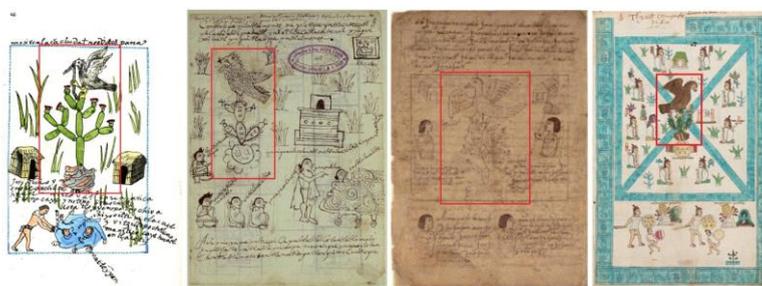


Figura 6 – Representações da fundação de México-Tenochtitlan nas histórias mexicas coloniais. Da esquerda para a direita: *Aubin*, fl. 48 (1576-1608); *Manuscrito* 40, fl. 8r (1596); *Manuscrito* 85, fl. 5v (1590-1620?); *Mendoza*, fl. 2r (1541).

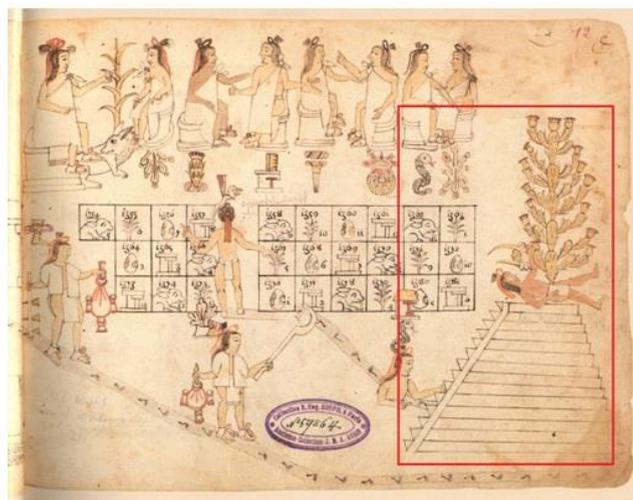


Figura 7 – Representações da fundação de México-Tenochtitlan nas histórias mexicas coloniais. *Códice Azcatitlan*, fl. 12b (1566-1600?).

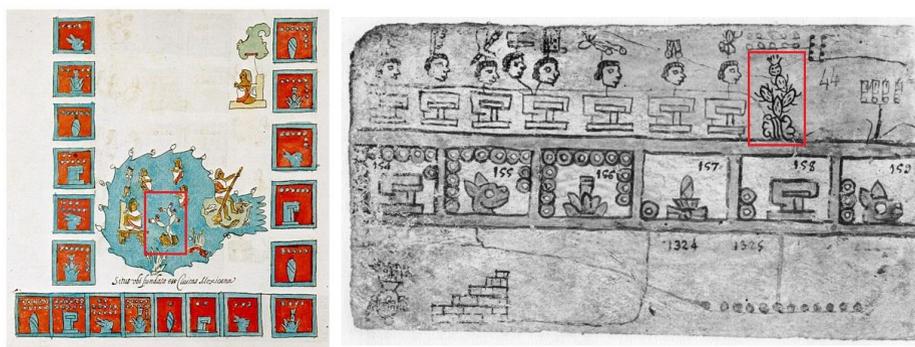


Figura 8 – Representações da fundação de México-Tenochtitlan nas histórias mexicas coloniais. Da esquerda para a direita: *Vaticano A*, fl. 73v (detalhe) (1589); *Mexicanus*, fl. 44 (1590).